



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUIZ FERNANDO MARTINS KRUEL**

**(depoimento)**

**2010**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-130

**Entrevistado:** Luiz Fernando Martins KrueI

**Nascimento:** 12/12/1953

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Data da entrevista:** 06/05/2010

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Total de gravação:** 65 minutos

**Páginas Digitadas:** 19

### Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

KRUEL, Luiz Fernando Martins. *Luiz KrueI (depoimento, 2010)*.  
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -  
ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início da profissão; escolha pela Educação Física; envolvimento com esportes; entrada como professor na Escola de Educação Física da UFRGS; infra-estrutura da ESEF; cursos de especialização; participação na pesquisa; Centro Olímpico da ESEF; gestão do Centro Olímpico; projetos de extensão; bolsas de extensão.

Porto Alegre, 06 de maio de 2010. Entrevista com o professor Kruel, a cargo do entrevistador Marco de Carvalho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Professor Kruel, eu começo te perguntando como iniciou teu envolvimento com a ESEF<sup>1</sup>? Por que a escolha pela educação física?

L.K. – Eu me criei dentro da ACM<sup>2</sup> de Porto Alegre fazendo esporte. Além de fazer esporte, sou sócio da ACM desde os cinco anos e, além de participar, fiz os cursos da ACM, de liderança juvenil, infantil, toda a parte dos cursos de liderança da ACM. Quando eu fazia parte desses cursos já no ano de... Tinha já uns treze anos eu acho, fui convidado – a parte do pessoal que participava, os líderes da ACM, ajudavam em algumas atividades – e eu comecei ajudando numa atividade de natação para creche. Sempre pratiquei esportes, disputei de forma competitiva vários esportes, fui atleta de natação participando de campeonato estadual, joguei o campeonato estadual de pólo, joguei o campeonato estadual e brasileiro de voleibol, fui seleção gaúcha de voleibol, depois joguei biribol. Fora a participação também em provas de salto à cavalo, jogo de basquete à cavalo que é um jogo bem interessante. É uma pena que tem pouco no Rio Grande do Sul e é um esporte bastante caro. Quando eu estava no segundo grau na época, ensino médio hoje, eu fui técnico da PUC<sup>3</sup> de voleibol. Quando eu estava para fazer o vestibular, eu estava numa dúvida: ou ia para a engenharia ou fazia educação física. Optei pela educação física e não me arrependo. Quando entrei na Escola de Educação Física, eu ainda estava jogando voleibol pela ACM. A ACM, no ano que entrei na Escola, nós éramos tetra-campeões do estado, invictos. Quatro anos e não perdemos nenhum jogo. Sempre gostei e entrei no curso de educação física.

M.C. – Entraste na Escola em que ano?

L.K. – Entrei em 1974. Na época, o curso era de três anos, mas fiz o CPOR<sup>4</sup> e comecei a trabalhar. Eu era monitor da disciplina de voleibol e comecei como professor de natação do

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica

<sup>4</sup> Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

União<sup>5</sup>, fui técnico de natação do União ainda no período da Escola e tendo atletas. Comecei nas categorias de base, depois peguei uma das equipes principais tendo atleta disputando brasileiro e sul-americano. Ao mesmo tempo, eu era professor de vôlei da SOGIPA<sup>6</sup> e, além de trabalhar na parte de escolinha da SOGIPA, eu fui treinador da equipe de veteranas da SOGIPA e depois fiz, mas por muito pouco tempo, dois ou três meses, uma parte trabalhando junto com o técnico da equipe juvenil da SOGIPA. Durante o período da Escola, eu participei do Diretório Acadêmico, fiz parte, na época, do que era a Congregação que, hoje, é o Conselho da Unidade e também fui representante dos estudantes no Conselho Universitário e que era uma representação estudantil completamente diferente da representação estudantil de hoje em termos de pressão. Em 1974 ainda estava na época do regime militar e era muito complicado a participação dos estudantes, a forma como os estudante eram vistos, principalmente, nas reuniões do Conselho Universitário. Era muito complicado. Eu acabei tendo uma vivência e um conhecimento da UFRGS<sup>7</sup> por participar dos órgãos colegiados, de ter sido monitor e assim... É muito grande. Um dos grandes pontos que vale ressaltar: o foco, por exemplo, quando eu estava me formando em 1977, tinha começado a primeira especialização aqui na ESEF, nenhum professor tinha mestrado ou doutorado e veio uma bolsa para fazer um doutorado na França, para escolher um aluno. E eu fui o aluno escolhido para ir para o doutorado na França. Ia ser a primeira leva de doutores da área de educação física do Brasil que estavam saindo para um doutorado. Depois saiu uma leva de mestres para os Estados Unidos. Esse pessoal que fez esse mestrado, depois alguns fizeram doutorado, outros ficaram só com o mestrado. Aí eu fui conversar com os professores que eu me relacionava mais sobre o que eles achavam e uma das coisas que eu nunca vou esquecer, que tocou muito, que os professores disseram que, se fossem eles, não iriam para o doutorado porque eu era técnico de natação do União que, era uma potência na natação, e técnico de vôlei da SOGIPA. E os professores disseram: “Tu está nos dois maiores clubes num emprego que todo mundo quer e tu indo para lá, provavelmente, na volta tu não vai ter emprego. Tu vai perder o mercado”. Eu acabei fazendo uma opção seguindo o conselho dos professores de não ir para o doutorado. Uma coisa incrível assim, dois deles me disseram: “Olha Krueel, mesmo nós termos te indicado, um em particular, cada um deles, eu

---

<sup>5</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>6</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

acho que tu não deve ir”. E quando eu já estava terminando o curso, eu assumi também no Mauri<sup>8</sup>, num projeto pioneiro do Mauri naquela época, isso foi em final de 1976, início de 1977, em que ele implanta na piscina dele natação para deficiente físico e deficiente mental. No Brasil só tinham dois professores em Pernambuco fazendo o trabalho. Nem no Rio ou em São Paulo tinha um trabalho forte. E o Mauri tinha montado na escolinha dele, pegou um horário ocioso da piscina dele à noite e eu comecei a trabalhar com deficiente físico e mental. Trabalhei lá por dois anos, me formei e comecei a fazer os cursos de especialização porque aí já estava começando a ter mais cursos aqui na ESEF. Como o curso era à noite, eu tive que parar de trabalhar com deficiente físico e mental e tinha um professor aqui na Escola, um professor excelente, acho que um dos professores mais completos da época, o professor Paulo Gilberto de Oliveira, conhecido como “carioca”. Ele tinha na casa dele uma escolinha de natação. Me convidou para ir para lá para trabalhar e implantar o programa num modelo mais ousado que do Mauri porque, no Mauri, as aulas, os deficientes físicos e mentais ficavam separados. Eram dois professores no início e depois três numa piscina de oito por quatro, cada um com um aluno. E a proposta do “carioca”, uma proposta ousada, era fazer uma integração social maior desse pessoal. Então, num momento das aulas das crianças, eu tinha que acertar os horários para que fosse a mesma faixa etária da aula em grupo. Eu tinha um canto da piscina que eu trabalhava de forma individual com deficiente físico ou mental e, sempre no final da aula, na escolinha dele tinha uma proposta de cinco a dez minutos de recreação orientada. Nessa parte da recreação, era integrado meu aluno particular com o grupo do outro professor que estava trabalhando. Uma proposta interessante, ousada que, na época, teve uma rejeição. O professor “carioca” perdeu na escolinha dele diversos alunos de pais que não entendiam e incrível que isso ainda continua hoje com toda informação. Às vezes, o pai não quer que o filho dele conviva, por exemplo, com uma pessoa portadora de Síndrome de Down porque acha que tem um contágio e que o filho dele pode adquirir a Síndrome. O que é uma ignorância total dentro da estrutura, mas que tem. E, naquela época em 1978, foi uma coisa muito forte. Eu fiz três especializações: em natação, em treinamento desportivo e depois, na Fundação Faculdade Católica, de medicina do esporte.

M.C. – Quem que organizava estas especializações? Era a Escola?

---

<sup>7</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>8</sup> Mauri Fernandes da Fonseca

L.K. – Era a Escola. Por exemplo, a de natação era o professor Jayme Werner dos Reis, conhecido como “peixinho” e de treinamento era um grupo de professor, senão me engano, quem era o coordenador era o Adroaldo<sup>9</sup>. Não tenho bem certeza, mas o Adroaldo era um dos professores naquela época. Eu fiz primeiro a de natação, depois fiz a de medicina e depois vim para o treinamento que foi em 1980. Em 1979, eu fiz a da Fundação Faculdade Católica de Medicina o curso de medicina esportiva que quem organizava era o De Rose<sup>10</sup>. Depois esse curso veio aqui para a ESEF da UFRGS. Na realidade, quem organizava lá era o De Rose e o Algayer<sup>11</sup>, um médico. Nesse curso, eu conheci o professor Raul Barnech Rodrigues que dava a disciplina de biomecânica num curso e ele me convidou para trabalhar com ele na FEEVALE<sup>12</sup> porque ele ia parar de dar aula. Me convidou para trabalhar com ele um semestre. Trabalhei nas férias com ele e me indicou para dar biomecânica na especialização. Eu comecei a dar aula lá na Fundação em 1980 e fui para a FEEVALE. Ele acabou dando aula um mês só e eu assumi a disciplina. Comecei trabalhando com ele de assistente e... Ele acabou de responsável naquele semestre e no outro, mas, quem assumiu a disciplina, fui eu. Eu fiquei na FEEVALE dando aula, primeiro de cinesiologia e depois de fisiologia do exercício que era um disciplina que estava começando nos cursos de educação física. A primeira a implantar ela foi a ESEF da UFRGS. Senão me engano, a segunda no estado a implantar foi a FEEVALE ou foi junto com Santa Maria, mas a FEEVALE foi uma das primeiras a implantar. Eu assumi a disciplina de fisiologia e fiquei trabalhando na FEEVALE em 1988, mesmo tendo entrado aqui na UFRGS em 1984. Voltando um pouco para a parte de natação: no ano de 1978, eu já estava formado e o Mauri me convidou para sair do União porque ele queria montar uma equipe de professores e técnicos para quebrar a hegemonia do União de natação que era campeão estadual vinte e três anos. Nós montamos uma equipe lá no Mauri de seis treinadores e professores. Nós trabalhávamos como professor e pegamos a equipe. Trabalho interessante, completamente diferente do União porque, no União, o aluno que nos procurava queria ser atleta e, no Mauri, o aluno que nos procurava ia para a saúde e até tu fazer a cabeça desse aluno para ser atleta, foi um trabalho... A nossa meta era ser campeão estadual em cinco anos e, em quatro anos, a gente conseguiu ganhar o

---

<sup>9</sup> Adroaldo Cezar Araújo Gaya

<sup>10</sup> Eduardo Henrique De Rose

<sup>11</sup> Cláudio Algayer

<sup>12</sup> Federação de Estabelecimento de Ensino Superior do Vale dos Sinos

campeonato estadual do União que, eu acho que foi um erro, porque o trabalho foi extremamente bem montado para se ganhar o estadual naquele ano, mas a gente não tinha ainda a estrutura toda que se precisava. Acho que se nós ganhássemos no ano seguinte, nós íamos conseguir ficar mais alguns anos ganhando do União com uma estrutura mais preparada. Quando a gente ganha o campeonato estadual do União, eles reestruturam a parte de natação no clube com uma estrutura muito maior do que a do Mauri. Não dava nem para comparar uma escolinha de natação com um clube com o porte do União, com uma filosofia de competição. E eles continuaram ganhando durante muito tempo. Se ganhava provas, mas não o campeonato. No ano de 1982, eu ganhei o campeonato estadual e fui convidado para ser sócio de uma academia em Canoas e já estava dando aula na FEEVALE. Em 1984, eu faço concurso aqui para a UFRGS, foi um dos primeiros concursos que teve na UFRGS porque teve um período em que não tinha concurso, os professores eram indicados ou convidados. Tinha muita indicação do governo militar e coisas deste tipo.

M.C. – Tu entrou para que cargo?

L.K. – Para a disciplina de natação. Foi um dos concursos, por muito tempo, com o maior número de inscrições. Teve trinta e oito inscritos e dezesseis vieram para a primeira prova. O concurso foi em fevereiro de 1984 e eu assumo em junho de 1984 aqui na ESEF como professor.

M.C. – Nesse período que tu entraste na Escola, na década de 1970, 1974, quais eram as estruturas físicas que tinham na Escola que tu te lembrás?

L.K. – Eu me lembro de tudo [riso]. A ESEF tinha o ginásio, esse que tem hoje aqui; o prédio onde é o CEME<sup>13</sup>, a pós-graduação eram as salas de aula. Inclusive, ainda tem uma parede da época que é essa parede de madeira da pós-graduação, tinha toda uma divisão de madeira e a biblioteca da Escola era aqui onde é a pós-graduação hoje. Fora isso, nós tínhamos ali na frente de onde é o diretório atual, uma piscina que era um tanque. Horrível de fazer aula ali, batia um ventinho o tempo inteiro [riso], mas era onde nós tínhamos as

---

<sup>13</sup> Centro de Memória do Esporte

aulas de natação. Onde é o LIEF<sup>14</sup> hoje e onde é a sala da direção eram os vestiários. Depois onde é as salas de aulas era uma pista de carvão. Começaram o esqueleto de um ginásio que ficou parado por muito tempo que é o nosso ginásio II e tinha um esqueleto da piscina que também ficou parado por muito tempo. A obra começou e ficou muito tempo parado. Em 1975 ou 1976, não me lembro bem qual foi a época, foi inaugurada a pista de atletismo. Inclusive, teve um congresso aqui com alguns americanos na época que inauguraram a pista. A ESEF tinha, mais para o lado da biblioteca, perto dos prédios da Felizardo<sup>15</sup>, tinha uma escola estadual de madeira dentro da área da ESEF, chamadas de “brizoletas”, que foi um investimento do Brizola<sup>16</sup> quando foi governador na década 1960. Ele construiu um modelo de escola para o Rio Grande do Sul. Houve um acerto que nós começamos a ter aula também lá nas “brizoletas” e depois o bar foi para lá. O bar da Escola, na época, era dentro do ginásio onde foi a secretaria do CEME e, aquela parte que tem a escadinha que vai para cima, era o diretório acadêmico. Quando eu entrei, o palco já estava fechado que nem é hoje porque tinha um palco para dentro do ginásio. No ano que eu entrei já estavam fechando. Ainda peguei eles terminando e tinha aula de boxe também que tinha um ringue na parte de dentro. Nós tínhamos aula de judô, boxe, uma série de coisas. Às vezes, dava uma disputa entre os alunos ali quando resolviam brigar que se chamavam, sem os professores verem, botavam as luvas e iam acertar as contas dentro do ringue. Era essa a estrutura...

M.C. – E o LAPEX<sup>17</sup>?

L.K. – O LAPEX começou um ano antes de eu entrar e ele tinha uma estrutura inicial pequena que ficava no canto lá onde tem uma sala de aula hoje no ginásio – até com essa estrutura nova nem sei o que ficou lá naquele canto que tem um banheirinho – tinha o LAPEX lá. Uma estrutura pequena. Depois o LAPEX começa a crescer, se estruturar e é quando sai o bar e o diretório dali e o LAPEX passa a usar toda aquela área ali que depois foi o CEME e que agora tem as salas de aula. Mas ele começa numa estrutura menor, no canto de baixo e, quando vem o prédio das salas de aulas das “brizoletas”, é que sai o diretório e o bar para irem para lá e o LAPEX pega essa estrutura que vai ficar assim até

---

<sup>14</sup> Laboratório de Informática

<sup>15</sup> Rua próxima a ESEF

<sup>16</sup> Leonel de Moura Brizola

<sup>17</sup> Laboratório de Pesquisa do Exercício

1997, quando é criado o laboratório novo. Eu me formei em 1977 e, em 1978 quando eu venho para a pós em natação, só a piscina pequena estava pronta. Então, o prédio já estava fechado, mas só tinha água na piscina pequena.

M.C. – Aquecida já?

L.K. – Num primeiro momento do pós, ela não estava aquecida, mas, ao longo do ano do pós, ela é aquecida. As primeiras aulas que nós fizemos lá, ela não era aquecida. A piscina aqui ainda estava aberta, não tinha sido aterrada e os alunos, às vezes, pediam para vir fazer aula aqui porque, como lá era fechado e não pegava o sol e as aulas eram de noite, a água da rua aqui, às vezes, era mais quente do que a água da piscina [riso], até aquecerem a piscina [riso]. Era um perigo até aquela estrutura de aula porque a piscina grande estava vazia e tinha todo o buraco, ainda tinha resto de obra, o piso ainda não estava todo colocado.

M.C. – Então, ainda tu chegou a fazer aulas no tanque, não pegou na piscina lá?

L.K. – Não. Como graduação, eu só fiz aula no tanque.

M.C. – Quando tu te formaste, já estava pronto o prédio em si?

L.K. – Não, não estava. Eu me formei em 1977 e ainda não estava. Ele começou a funcionar em 1978, eu não me lembro bem em que época de 1978, essa parte da piscina que eu te falei.

M.C. – Não sendo aquecida ainda?

L.K. – É, mas no final do curso a água já era aquecida, não consigo me lembrar a data, mas, quando nós terminamos, a piscina já era aquecida.

M.C. – Quando tu entraste na Escola, tu te lembrás quem era o diretor do Centro Olímpico<sup>18</sup>?

---

<sup>18</sup> Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

L.K. – Claro, o diretor do Centro Olímpico, foi um diretor que ficou por muito tempo, vinte e poucos anos, que foi o professor Jayme Werner dos Reis.

M.C. – E o diretor da Escola?

L.K. – Na época que eu entrei como professor?

M.C. – Como aluno.

L.K. – Como aluno, me lembro do professor Targa<sup>19</sup> como diretor que foi quando eu fui representante junto da congregação. Mas eu acho que eu peguei o Milthon<sup>20</sup> também. Não me lembro se eu peguei o Milthon como diretor quando eu estava saindo da Escola ou quando eu estava entrando como professor.

M.C. – Tu te lembra o que falavam, se tu sabia na época, qual era o objetivo do Centro Olímpico, quais as atividades realizadas por ele nessa década de 1970?

L.K. – Quando eu era aluno, na existia o Centro Olímpico ou, ao menos, não tinha estrutura de Centro Olímpico que eu me lembro.

M.C. – Não era aqui em baixo na casinha do zelador?

L.K. – Não, isso foi bem depois. Como aluno... Tinha a casinha de madeira ali. Dessa época, eu não me lembro da estrutura do Centro Olímpico. Eu me lembro que tinha a casinha de madeira, mas, quando eu entrei como professor, também tinha a casinha de madeira do Centro Olímpico. Mas, enquanto eu era aluno, acho que não tinha a estrutura do Centro Olímpico. Eu não me lembro. Eu lembro qual era o professor... Problema sério dentro da Escola...

M.C. – Isso já na década de 1980?

---

<sup>19</sup> Jacintho Francisco Targa

<sup>20</sup> Milthon José Cunha

L.K. – 1984. Um problema sério até porque o Centro Olímpico era um órgão vinculado antes à PRUNI<sup>21</sup> que era Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da época, que atendia a casa do estudante, o R.U.<sup>22</sup>, essas coisas. Ele acabava tendo uma dotação orçamentária bem maior do que a dotação orçamentária da ESEF. Também na época tinha as aulas que eram, no meu tempo de graduação e quando eu entrei para cá, as práticas desportivas e a dotação orçamentária era muito grande e com uma estrutura completamente à parte da ESEF. Isso, logo que eu entro como professor, ela gerava muito problema. Era um cargo assim... O “peixinho” foi um professor, enquanto aluno, que eu respeitava muito, um professor que contribuiu muito com a Escola. Mas, por exemplo, na parte da administração do Centro Olímpico, teve problemas. Inclusive, eu me lembro que, logo que eu chego na Escola como professor, ele me chama num canto da piscina e diz assim: “Se tu ficar do meu lado, quando eu me aposentar, o cargo é teu”. Isso numa estrutura pública, quer dizer, o cargo não é meu. Ele acabou ficando muitos anos, acho que chegou a ficar vinte e quatro, vinte e cinco anos de diretor do Centro Olímpico. Isso eu acho que é um problema. Existe um nome de Centro Olímpico e nós nunca tivemos uma estrutura – ao menos do que eu penso de um Centro Olímpico, da minha vivência de atleta, de treinador – que *nunca* passou *nem* perto de um Centro Olímpico. Acho que esse é um nome muito complicado. Nunca teve estrutura de Centro Olímpico, nem perto. Mas tinha verba e até conseguir fazer o Centro Olímpico passar para dentro da estrutura da Escola de Educação Física foi uma briga muito grande. E eu não sei porque que, quando passou, ele não foi extinto.

M.C. – Tu sabe dizer qual foi o período que ele passou como órgão auxiliar da Escola?

L.K. – Não me lembro mais a data...

M.C. – Na gestão de quem?

L.K. – Não me lembro. Eu acho que ele passou para órgão auxiliar na gestão...

M.C. – Do Cassel?<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Pró-Reitoria da Comunidade Universitária

<sup>22</sup> Restaurante Universitário

L.K. – Não, foi antes. Do Alduino<sup>24</sup>, eu acho. Do Cassel ou do Alduino. Não me lembro agora. Mas, quando o Cassel foi diretor, o diretor do Centro Olímpico não era mais o “peixinho”. Foi o Arno<sup>25</sup> que assumiu...

M.C. – Foi nesse período que tu entraste como professor?

L.K. – Eu entrei um pouco antes do Cassel ser diretor.

M.C. – Tu entrou na época do Alduino, então?

L.K. – Quando eu entrei, acho que de novo era o Targa de diretor. Não me lembro mais. Eu acho que era o Targa o diretor. Ele foi várias vezes diretor da Escola. Mas eu me lembro que, logo depois que eu entrei - eu entrei em 1984 - em 1986 já era o Arno lá que daí já era o Cassel.

M.C. – Tu vê uma mudança do “peixinho” para o Arno em termos de administração do Centro Olímpico?

L.K. – Eu acho que o que teve ali na realidade foi uma diferença porque o dinheiro passou a ser da ESEF. Essa parte começou a ser compartilhada. Foi quando começou, na época eu assumi a extensão, que era uma estrutura completamente diferente de agora. Inclusive, as câmaras do CEPER<sup>26</sup> eram diferentes, essa estrutura era diferente. A gente começa a fazer, quando eu comecei a coordenar a extensão, uma estrutura de registro das atividades de extensão porque isso não existia. Antes, toda a atividade de extensão, a secretaria de extensão de todas as atividades de extensão da UFRGS, era na Pró-Reitoria de Extensão. Toda a estrutura era via Pró-Reitoria. Senão me engano, em 1988, entre 1988 e 1990, eu montei uma estrutura na ESEF que teve a primeira secretaria de extensão da UFRGS desvinculada da Pró-Reitoria. Foi na gestão... Quem estava assumindo a Reitoria era o professor Tuisson Dick. Inclusive, foi bancado, teve uma solenidade, ele veio para inaugurar a secretaria, teve coquetel, teve apresentação dos projetos de extensão da ESEF,

---

<sup>23</sup> Mário César Cassel

<sup>24</sup> Alduino Zílio

<sup>25</sup> Arno Black

<sup>26</sup> Nome sujeito à confirmação

teve uma série de coisas em que a gente monta a primeira secretaria de extensão da UFRGS que, depois, serviu de modelo para outras. Essa secretaria era lá no prédio da piscina, no Centro Natatório. Eu comecei trabalhando, por um ou dois semestres, só com um bolsista e depois dois bolsistas da Escola Técnica fazendo a secretaria e aí eu consegui fazer com que viesse um técnico da Reitoria para a ESEF que, foi a Lúcia Rosito<sup>27</sup>, que começou a trabalhar junto da secretaria. O que a gente plantou, o objetivo de implantar a secretaria de extensão, que eu acho que depois... Se bem que cresceu muito a extensão da ESEF e era uma coisa um pouco mais difícil. Os professores diziam que não registravam porque tinha uma burocracia muito grande. Então, a gente montou uma estrutura. A Lúcia foi treinada para montar os projetos de extensão. Eu já estava como representante, tinha uma estrutura diferente, o CEPER já estava lá na Reitoria e já tinha assumido a coordenação da extensão da área da saúde porque antes era dividido por área, tinha três grandes áreas na universidade. Eu tinha assumido a coordenação da extensão na área da saúde que eram sete ou oito cursos. O que nós fazíamos: o professor vinha, era montada uma reunião, eu, a secretária e o professor. O professor dizia o que ele queria fazer. O professor ia embora, se dava um prazo dependendo do tamanho do projeto que o professor queria, um dia, dois dias, uma semana. A Lúcia montava o processo, o projeto de extensão nos moldes que o professor tinha dito, eu fazia uma revisão e nós chamávamos o professor no prazo que tínhamos marcado e o professor lia o processo pronto, se era aquele jeito que realmente ele tinha pensado, se não tinha passado e era feito alguns ajustes. Na época era datilografado tudo. A própria secretaria encaminhava o processo. Uma outra coisa que a secretaria também assumiu: como era toda arrecadação via Reitoria, tinha toda uma parte de controle dos doc's bancários que o professor tinha que fazer. Então, o professor tinha que ficar juntando a documentação toda por um ano enquanto era o projeto dele, seis meses com os doc's mensais para prestar conta, tudo no final do ano. O que era um complicador porque nós não tínhamos nem sala aqui. Então, tu fica pegando doc de aluno e aonde tu bota o doc? Aí nós sistematizamos na secretaria de extensão essas coisas, começamos a criar pastas para cada programa. O professor pegava os doc's – ainda era com eles – mas eles iam lá e depositavam na pasta deles, com uma secretária. A ESEF começou a ser reconhecida na UFRGS como extensionista, por causa destas ações que começaram a ser feitas: de estrutura, organização de Secretaria. Fizemos toda uma mobilização dentro da unidade, todas as reuniões para os professores registrarem as atividades. Isso era uma coisa

---

<sup>27</sup> Lúcia Maria Nery Rosito

que não existia nas outras unidades. Existia, talvez até em algumas unidades, como a medicina, por exemplo, até mais extensão do que nós, mas não tinha o registro da atividade e aí nós começamos a registrar. Isso foi uma coisa interessante porque, na época, e, mesmo depois, o registro e a estrutura continuaram sendo apoiados pelos diretores que foram passando.

M.C. – Começou com qual direção?

L.K. – Na direção do Cassel, foi quando eu assumi esta parte, em 1987, 1988. Isso foi uma coisa que acabou beneficiando a ESEF em várias coisas. Eu acho que o que complicou a extensão de uma forma geral foi quando foi desvirtuada a idéia da comissão da época. Eu fiquei um tempo que eu não era o coordenador, saí para o mestrado, para o doutorado. Quando eu volto, eu assumi a extensão de novo.

M.C. – Em que período isso?

L.K. – Eu saí para o mestrado em 1992 e depois eu volto em 1996. Ainda estava fazendo o doutorado quando eu tive que voltar para assumir. Eu pego a extensão de novo e o que tinha na extensão e que ainda existe na extensão da UFRGS, que existe em várias universidades e que, na época, eu quis mudar, que eu acho que foi deturpada a forma como foi montada, é que, pela norma da UFRGS, o coordenador de extensão gere todo o recurso. Inclusive, entre aspas, ele faz o que quer. Não é só na UFRGS, mas também numa gama de universidades brasileiras porque a legislação permite. Eu não achava certo isso, como eu acho, ainda hoje, que nós pecamos – vou falar do caso da ESEF – é que a estrutura não sabe qual o custo de funcionamento da sua estrutura. Se tem um custo, alguém tem pagar esse custo. Quem tem que pagar este custo, por exemplo, é quem usa a estrutura. Por exemplo, o professor para dar uma boa aula de uma determinada disciplina precisa de eletrodo. Quem banca o eletrodo é o LAPEX. Quem tinha que bancar era o departamento. Se ele está dando aula, é uma coisa do departamento e não uma coisa do laboratório de pesquisa, para bancar este custo. Então, eu acho assim: nós vamos usar a piscina. Qual o custo da piscina? Qual o custo do laboratório para eu fazer uma pesquisa? Qual o custo de uma máquina para estar funcionando, com todo o seu custo de desgaste, de tudo. Esse custo tem que tentar ser partilhado entre as pessoas que usam. Por exemplo, mesmo eu

sendo coordenador do programa de pós-graduação, eu acho um absurdo o programa não botar dinheiro na manutenção dos equipamentos do laboratório porque, quem, basicamente, usa os equipamentos do laboratório, é o nosso aluno do mestrado e doutorado [riso] e o laboratório tem que se virar para isso. Quando, quem deveria estar se virando para fazer isso como norma estatutária... Não que a gente não tente buscar dinheiro, mas eu não tenho obrigação de fazer isso. Então, o programa forma mestres e doutores que fazem pesquisas maravilhosas reconhecidas nacionalmente e internacionalmente e o programa não banca isso. Então, é muito cômodo para isso e é muito cômodo para toda a estrutura. Por exemplo, eu vou usar a piscina. Bom, quem usa a piscina hoje? Tem os projetos de extensão, tem as pesquisas da graduação, tem as pesquisas do mestrado e doutorado e tem a graduação. Então, todo mundo tem que bancar. Quem é que banca hoje a piscina? A extensão. O departamento tem aulas lá, mas ele não tem que se preocupar em que a piscina funcione e, antigamente, quem tinha que se preocupar com isso, quem tinha que brigar com Reitor, Pró-Reitor para botar dinheiro na piscina, era o departamento. Hoje o departamento não faz isso, como a pós-graduação não faz isso. Eu não estou fazendo uma crítica ao órgão departamento. Estou fazendo uma crítica à forma que se pensa o uso da estrutura pública. Então, tem que ter um custo. Qual é o custo? Bom, eu quero fazer uma pesquisa para usar o ergoespirômetro. Quanto sai cada avaliação? Cinco, dez, cinquenta reais? Quem vai bancar isso? Por exemplo, a medicina já fez isso. É a única unidade da UFRGS. Não tem tudo, mas, na grande gama das suas atividades, ela sabe o custo. Por exemplo, nós temos no LAPEX um ultrafreezer. Todos nós depositamos substâncias lá, os professores que trabalham com sangue, essas coisas. Quem paga? Na medicina, se eu vou botar dez tubinhos com sangue, o custo é dois, três centavos. Bom, quando eu vou fazer o projeto, eu tenho que prever isso. Esse projeto é para onde? É para a pós-graduação? Então, tu vai botar dinheiro para o fundo. Claro que vai ter casos que não tem de onde tirar o dinheiro, lógico. E aí é obrigação das estruturas manterem isso, mas, muitas vezes, tem. E o que acaba acontecendo: é muito cômodo para mim enquanto professor não me preocupar com o custo. Alguém resolva isso. Eu uso o ergo. Bom, quando estraga, o Álvaro<sup>28</sup> vai consertar porque ele é o responsável pelo setor. Não pode ser assim. Se todo mundo usa, todo mundo é responsável pelo equipamento ou não usa o equipamento. E, na época com a extensão, nós tentamos criar uma estrutura em que o coordenador não pudesse usufruir de 100% de seu dinheiro. Porque funcionava assim, e continua funcionando: eu

---

<sup>28</sup> Álvaro Reischak de Oliveira

tenho um programa de extensão. Eu quero dez bolsistas, mas não sai do meu dinheiro esses dez bolsistas. Sai da mãe não sei o que. Não, espera um pouquinho. Se tu quer dez bolsistas, tudo bem, outros vão ter que dar. É obrigação da universidade enquanto público ser isso, mas não tem como tu botar dez bolsistas em cada projeto. Por exemplo, tem “n” projetos na Escola em que a bolsa de extensão é 20hs e o aluno trabalha duas. E teve projetos já que funcionavam – vou dar um exemplo de hora fictícia -: das onze e meia à meia hora, terça e quinta; da meia hora à uma e meia, terça e quinta. Tinha um bolsista para o horário das onze e meia e outro bolsista para o horário da meia hora. Isso é desperdício de dinheiro público e, outra, é uma falta de respeito com os bolsistas que cumprem as suas 20hs tu trabalhar duas. Coloca um. E, outra, ia dar muito mais vivência para os alunos e uma economia de dinheiro. Bom, é 20hs? Mas o aluno vai trabalhar doze porque tem que preparar a aula, tem essas coisas que tem que se levar em conta. O meu projeto só vai atender quatro, então, eu vou ter que trabalhar com esse bolsista comigo e vai ter que trabalhar com professor “A”, “B” ou “C” nas outras horas. Então, o que a gente tentou fazer: criar rubricas. Um percentual é para o coordenador utilizar, um percentual é para um fundo de bolsas, um percentual é para pagar a manutenção e coisas deste tipo. Aí a direção atual viu que tinha uma brecha e que ia criar o “fundão” que é uma coisa, dentro dos padrões, ilegal. Porque, quem assina tudo, é o coordenador da ação de extensão e ele não vê a cor do dinheiro e não vê para onde vai o dinheiro. Mas o que eu acho que tem por trás é que nós temos que começar a saber o custo das nossas estruturas e quem vai se responsabilizar por aquele custo. Se responsabilizar assim: tem o LIEF, todos alunos usam. Ótimo. Tem um custo. Quem vai pagar esse custo? Governo federal? Com certeza. Então, eu não tenho que ficar botando dinheiro da extensão ali. Eu tenho que pressionar o governo federal para fazer aquela estrutura funcionar. Então, isso foi uma coisa que eu sempre briguei. E isso começa a vir lá do Centro Olímpico, mesma coisa.

M.C. – Tinha programas antes no Centro Olímpico?

L.K. – Tinha. Tanto é que foi uma briga porque o Centro Olímpico não podia fazer extensão, não fazia extensão.

M.C. – Era para a comunidade universitária?

L.K. – Não. Era aberto ao público igual aos nossos projetos. Centro Olímpico não é tu montar um programa para a terceira idade. Isso não é o Centro Olímpico. Isso é um Centro de vivência da universidade. Bom, dá um outro nome, mas não o nome de Centro Olímpico. O Centro Olímpico abrigar escolinha esportiva, tranqüilo. Nós vamos montar uma estrutura e o nosso aluno... Eu acho que aí tem um erro também do Centro Olímpico. Eu acho que a UFRGS só pode ter estruturas, a ESEF, para concorrer com o mercado de trabalho do público que ela forma, se ela estiver formando melhor o seu aluno naquela estrutura. Senão não tem razão de ser estrutura. Agora, eu montar um Centro Olímpico em que, na época, eram contratadas pessoas formadas para virem trabalhar em escolinhas aqui dentro, de fora da estrutura, porque era amigo de “A”, “B” ou “C”, tu está concorrendo com o mercado de trabalho do público que tu está formando e sem se preocupar com o custo. É muito fácil eu botar uma escolinha aqui na UFRGS e cobrar cinco reais, porque quem paga o custo? Agora, o aluno que nós formamos que vai para academia, que precisa ou que vai virar empresário, ele tem todo o custo. Como que ele vai ter aquela escolinha a cinco reais? Então, eu acho que a gente não pode concorrer de forma desleal com quem a gente forma. Eu acho que nós só podemos concorrer com o mercado se nós tivermos formando o nosso aluno para trabalhar melhor e ter sucesso no mercado depois. Senão, não tem razão.

M.C. – Nesse período de 1990 que, o senhor entrou na secretaria e começou a articular os projetos de extensão, teve um período que o professor “peixinho” foi para a Alemanha, não sei se o senhor recorda disso, 1991, por aí. Depois quem assume o Centro Olímpico é a Helena<sup>29</sup>. Chegaste a pegar este período dela como diretora do Centro Olímpico?

L.K. – Peguei sim.

M.C. – E, foi nesse período, mais ou menos, que os projetos são transformados em extensão como ele é hoje?

L.K. – Os projetos do Centro Olímpico?

M.C. – É, os que existiam lá dentro Centro Natatório.

---

<sup>29</sup> Helena Alves D’Azevedo

L.K. – Eu não me lembro. Porque já tinha, desde a gestão do Arno – teve um período que o “peixinho” voltou – nós já começamos a registrar projetos de extensão lá dentro. Mas ainda tinham os projetos de extensão do Centro Olímpico. Eu até acho que o foi a Helena mesmo que começou, quando assumiu, botar todos os projetos dentro da estrutura de extensão. Não tenho certeza se foi ela. Mas acho que foi a Helena sim.

M.C. – Tu te lembra quais os projetos de extensão que tinham lá dentro do Centro Natatório?

L.K. – Tinha um projeto meu que começou em 1986 que foi natação para crianças asmáticas; em 1987 eu trago para o Rio Grande do Sul a hidroginástica e ela é implantada no Rio Grande do Sul através de um projeto de extensão da ESEF; final de 1987, início de 1988, nós implantamos o “Deep-water” que aqui no Brasil nós chamamos de “jogging aquático” através de um projeto de extensão da ESEF; tinha lá dentro um projeto muito bacana que era o projeto de esgrima com o professor Andreatta<sup>30</sup> que era um programa de extensão feito lá dentro.

M.C. – Neste período também, final de 1980?

L.K. – O projeto de extensão do Andreatta eu acho que é mais antigo do que o meu de natação para asmáticos.

M.C. – Esses projetos eram vinculados à Escola ou ao Centro Olímpico?

L.K. – Vinculados à Escola.

M.C. – E era aberto à comunidade já?

L.K. – Sim.

M.C. – Então, os recursos desses projetos vinha para a Escola ou para a secretaria?

---

<sup>30</sup> Luis Cláudio Guterres Andreatta

L.K. – Não. Vinha para o coordenador. O coordenador podia assim: eu quero comprar um sofá para a minha sala, eu quero ir para congresso, quero mandar meu aluno para curso. Os primeiros computadores que chegaram na ESEF, fora os que chegaram para o LAPEX, eram para os coordenadores de projetos de extensão que era os que tinham dinheiro. Então, assim: eu vou comprar hoje um sofá. Eu tenho dinheiro e vou comprar uma geladeira para a minha sala, comprava o que tu queria. O professor não conseguia botar dinheiro no bolso, isso nunca pôde. Mas ele podia usar o dinheiro... Eu tenho um curso em São Paulo, quero fazer o curso. Vai lá, compra a passagem, paga inscrição do curso, hotel, tudo por conta daquele dinheiro. Então, era o coordenador que fazia a gestão daquele dinheiro. E outra coisa: em quase 100% das unidades da UFRGS hoje, funciona assim. Então, eu não sou favorável a esse modelo, mas eu também não sou favorável ao modelo atual da ESEF que o professor não consegue dinheiro nem para comprar equipamento para fazer funcionar o seu projeto.

M.C. – Pagar bolsista?

L.K. – E nem pagar bolsista. Por exemplo, se tu pegar os meus bolsistas, agora não receberam porque não tinha dinheiro. O meu projeto tem mais de trezentos alunos pagando setenta e cinco reais por mês. E aí o bolsista que é o que gera o recurso não recebe. Eu estou pedindo colete para os projetos desde janeiro. Na primeira turma, se o aluno não chegar cedo, ele fica sem cinturão para fazer aula. E ele está pagando para fazer aula. Por que nós estamos perdendo aluno, por que eu não tenho mais aquela fila que tinha antes? Quem é que vai pagar setenta e cinco reais e não tem cinturão para fazer a aula? Vai numa academia e vê se funciona assim. Não funciona assim. Tem bolsista meu que trabalhou o ano passado que estão tentando pagar este ano. Fazem projeto de verão porque a ESEF precisa de dinheiro. O bolsista trabalha e vai receber seis meses depois? Quer dizer, ele trabalhou para sair de férias com o dinheirinho no bolso. Eu sei que o objetivo principal e, eu digo isso para os meus bolsistas, não é o dinheiro. Eu acho que tem que ser deles se qualificarem melhor para o mercado de trabalho. Eles tem que ganhar dinheiro a vida toda e não enquanto eles estão aqui. Estão aqui para aprender. Mas também, se eles tem uma bolsa e, eu entendo que, para alguns esta bolsa não faz a mínima diferença no fim do mês, mas, para outros, é ele comer e sobreviver. Eu tenho e já tive bolsistas assim, que, senão ganhassem a bolsa, não comiam aquele mês. Eu pago tudo e, se sobrar, eu pago o bolsista.

Não pode ser assim. Quem está gerando recurso hoje são os bolsistas, junto com os professores, é claro. Por que eu posso ter trezentos alunos? Porque eu tenho oito bolsistas. Se fosse só eu dando aula, nunca poderia dar aula para trezentos.

M.C. – Hoje, sabe-se que, a grande contribuição para a Escola ser como ela hoje em termos de estrutura física, manutenção do espaço, é devido aos projetos de extensão também. Como tu vê o Centro Natatório, enquanto um grande espaço de extensão, a manutenção e o gerenciamento do prédio?

L.K. – Vem do que eu estava falando antes. Tem que ter um custo. Quem paga este custo? Bom, todo mundo tem que pagar. Porque eu tentei mexer lá na norma... O que acontecia antes: eu usava a piscina e não botava um centavo no funcionamento da piscina. Quem tinha que gerir a piscina era o departamento e a direção. Não é justo. Agora, também não é justo hoje o departamento ou a direção não terem que se preocupar se tem aula de graduação antes. Foi o que eu falei antes: tem que ter um custo e tem que ser compartilhado este curso. Se nós só tivemos aulas da graduação, a piscina teria um custo fixo, ia ser ociosa, quer dizer, tu ia gastar mais do que tu usa em graduação. Isso com certeza. Só que a extensão, da forma que ela é hoje, também aumenta o custo.

M.C. – Mas ela arrecada mais...

L.K. – Arrecada mais, mas também aumenta o custo. Então, assim: ela tem que botar alguma coisa, mas não pode botar tudo. É essa falta de planejamento de custo que me preocupa. Por exemplo, nós fizemos uma norma no LAPEX que, ficou para ser votada depois e que nunca mais foi votada, que a idéia do LAPEX era que se começasse a ver o custo de tudo. Como o LAPEX é um laboratório de pesquisa, a idéia era de se criar um fundo de incentivo a pesquisa. Bom, quantos porcentos da extensão vão para o fundo de incentivo a pesquisa? Quantos porcentos do dinheiro da pós-graduação tem que ir para o fundo de incentivo a pesquisa? Porque é muito cômodo para mim, enquanto coordenador do programa, não ter que botar um centavo dentro do laboratório. É muito cômodo eu não ter que me preocupar com isso. Claro, que a gente acaba se preocupando muito com equipamento. A pós-graduação tem conseguido – vou falar da minha gestão nestes dois anos – a gente conseguiu um aporte de equipamentos para o laboratório muito grande.

Gostaria de ter conseguido mais, mas também os recursos são difíceis. Só que isso não é obrigação. Agora, por exemplo, nos meus dois anos de coordenador, eu consegui em exercício findo em dois anos, alguma coisa de material de consumo para o laboratório, mas que não era obrigação. Eu acho que tem que ser obrigação. Porque quem está usando o laboratório, quem está se beneficiando do laboratório é o nosso mestrado, doutorado e a graduação também. O nosso laboratório não tem nenhum no mundo parecido. Lá dentro tem trezentos e cinquenta alunos entre graduação, mestrado e doutorado, convivendo junto, trocando experiência junto. Até porque o programa de iniciação científica brasileira é ímpar no mundo. Lá fora, o aluno que vai para o mestrado, vai fazer a iniciação científica para depois ir para o doutorado virar pesquisador. Aqui, no Brasil, nós estamos com iniciação científica na graduação. E a estrutura de ser liberado para trezentos e cinquenta alunos vivenciarem o laboratório, não existe isso. Quando eu falo, me chamam de mentiroso. Trezentos e cinquenta alunos são quase 50% dos alunos da ESEF que tem acesso ao LAPEX. Quando eu fui aluno dessa Escola, dois tinham acesso ao laboratório. Então, isso são as coisas boas.

M.C. – Bom professor, gostaria de agradecer teu depoimento. Mais uma boa contribuição para o nosso projeto e fica aberto se o senhor quiser comentar mais alguma coisa, algo de relevância...

L.K. – Acho que dar os parabéns para o que vocês estão fazendo, resgatar esta parte histórica, acho uma coisa importante. Até ver como os professores vêem as coisas, como eles percebem a Escola. Eu acho que o bonito da universidade é a diversidade. Infelizmente, muitas pessoas, vêem uma pessoa que, não tem a mesma idéia, não compartilha a mesma idéia do que a outra, como sendo inimigo. Isso, para mim, não é ser inimigo. É a forma de pensar diferente, quer dizer, isso não impede das pessoas continuarem convivendo. Só que no meio acadêmico é complicado. Quando tu tem uma forma de pensar e não é a do outro, tu passa a ser inimigo. Eu acho que isso é o que atrapalha as estruturas. E agradecer a oportunidade de bater um papo.

[FINAL DO DEPOIMENTO]